

DO AUTOR *BESTSELLER* DE *PERCY JACKSON*

AS CRÓNICAS DOS

**KANE**

A PIRÂMIDE VERMELHA



**RICK**

HERÓIS ÉPICOS · AVENTURAS LENDÁRIAS

**RIORDAN**

# Índice

Advertência	9
1. Morte na Agulha	11
2. Explosão no Natal	26
3. Aprisionada com a Minha Gata	38
4. Raptada por Um Não-Tão-Desconhecido	47
5. Conhecemos o Macaco	57
6. Pequeno-Almoço com Um Crocodilo	69
7. Deixo Cair Um Homenzinho de Cabeça	91
8. A Muffin Brinca com Facas	112
9. Fugimos de Quatro Tipos com Saias	122
10. Bast Fica Verde	130
11. Conhecemos o Lança-Chamas Humano	137
12. Salto para dentro de Uma Ampulheta	148
13. Enfrento o Peru Assassino	153
14. Um Tipo Francês quase Nos Mata	165
15. Uma Festa de Anos Divinal	176
16. Como a Zia Perdeu as Sobrancelhas	191
17. Uma Má Viagem a Paris	208
18. Quando os Morcegos-da-Fruta Se Passam	220
19. Um Piquenique no Céu	241
20. Visito a Deusa Coberta de Estrelas	254
21. Salvos pela Tia Bichana	263
22. Leroy Encontra o Cacifo da Morte	274
23. O Exame Final do Professor Tote	285
24. Rebento Uns Sapatos Azuis de Camurça	304
25. Ganhamos Uma Viagem com Todas as Despesas	
Incluídas até à Morte	320
26. A Bordo do <i>Egyptian Queen</i>	328

27. Um Demónio com Amostras Gratuitas	345
28. Saio com o Deus do Papel Higiénico	355
29. A Zia Marca Um Encontro	376
30. Bast Cumpre Uma Promessa	386
31. Entrego Um Bilhete de Amor	401
32. O Sítio das Cruzes	409
33. Entramos no Negócio do Molho <i>Salsa</i>	424
34. À Boleia do Cabeça-de-Massa	435
35. Homens Que Pedem Indicações sobre o Caminho (e Outros Sinais do Apocalipse)	441
36. A Nossa Família É Vaporizada	448
37. Leroy Consegue a Sua Vingança	460
38. A Casa Está na Casa	468
39. A Zia Conta-Me Um Segredo	474
40. Dou Cabo de Um Feitiço Importante	484
41. Paramos a Gravação, por agora	501
Nota do Autor	523

## ADVERTÊNCIA

O texto que se segue constitui uma transcrição de uma gravação digital. Nalguns passos, a qualidade do áudio deixa um pouco a desejar, pelo que algumas palavras e frases resultam das melhores suposições do autor. Onde possível, foram adicionadas ilustrações de símbolos importantes mencionados na gravação. Sons de fundo, tais como os de brigas, golpes e palavrões dos dois narradores, não foram transcritos. O autor não garante a autenticidade da própria gravação. Afigura-se impossível que os dois jovens narradores estejam a falar verdade, mas terá de ser o leitor a ajuizar por si próprio.



# 1. Morte na Agulha

C  
A  
R  
T  
E  
R

JÁ SÓ NOS RESTAM UMAS HORAS. Por isso, ouve com atenção.

Se estás a ouvir esta história, já estás em perigo. A Sadie e eu podemos ser a tua única hipótese de salvação.

Vai à escola. Descobre o cacifo. Não vou dizer-te qual é a escola nem qual é o cacifo, porque, se fores a pessoa certa, vais conseguir encontrá-los. A combinação é 13/32/33. Quando acabares de ouvir esta mensagem, saberás o que significam estes números. Tem apenas em atenção que a história que vamos contar-te ainda não está terminada. E a forma como vai terminar depende de ti.

O mais importante de tudo é o seguinte: quando abrires o pacote e vires o que está lá dentro, *não* o guardes por mais do que uma semana. Claro que vais sentir-te tentado a fazê-lo, porque te concederá poderes quase ilimitados. Mas, se o mantiveres tempo demais na tua posse, consumir-te-á. Aprende rapidamente os seus segredos e passa-o a outra pessoa. Esconde-o até o entregares a essa pessoa, exatamente como a Sadie e eu fizemos contigo. E a seguir prepara-te para que a tua vida se torne muito interessante.

Muito bem, a Sadie está a dizer-me que pare de engonhar e siga com a história. Tudo bem. Diria que a história teve início em Londres, na noite em que o nosso pai fez explodir o Museu Britânico.

Chamo-me Carter Kane. Tenho catorze anos e a minha casa é uma mala.

Achas que estou a gozar? Desde os meus oito anos que o meu pai e eu viajamos pelo mundo. Nasci em Los Angeles, mas o meu pai é arqueólogo, o que o leva a viajar por todo o lado. Vamos principalmente ao Egito, que é a especialidade dele. Se fores a uma livraria e encontrares um livro sobre o Egito, é altamente provável que tenha sido escrito pelo Dr. Julius Kane. Queres saber como é que os egípcios extraíram os cérebros das múmias, construíram as pirâmides ou lançaram uma maldição sobre o túmulo do rei Tut? O meu pai é a pessoa certa para te responder. Claro que há outras razões para ele viajar tanto, mas antes eu não conhecia o seu segredo.

Não fui à escola. O meu pai ensinou-me em casa, se é que podemos falar em «ensino em casa» quando não temos uma casa. Ele ensinou-me tudo o que achou que era importante, e por isso aprendi imensas coisas acerca do Egito, das grandes estrelas do basquetebol e dos músicos preferidos dele. Também leio imenso — basicamente, tudo o que me venha parar às mãos, desde os livros de História do meu pai até literatura fantástica — porque passo imenso tempo sem nada que fazer em hotéis, aeroportos e zonas de escavação noutros países, onde não conheço ninguém. O meu pai dizia-me sempre para pousar os livros e jogar um bocado à bola. Mas já tentaste jogar básquete em Assuão, no Egito? Não é fácil.

Enfim, o meu pai habituou-me desde cedo a guardar todas as minhas posses numa única mala que caiba na prateleira por cima dos assentos do avião. Ele fazia o mesmo, mas ainda tinha direito a um saco suplementar para as suas ferramentas de arqueologia. Regra número um: eu não podia espreitar para dentro do saco de trabalho dele. E nunca quebrei essa regra até ao dia da explosão.

Aconteceu na véspera de Natal. Estávamos em Londres para o dia da visita à minha irmã Sadie.

É que o meu pai só tem direito a passar dois dias por ano com ela — um no inverno, outro no verão — porque os nossos avós

odeiam-no. Depois de a nossa mãe morrer, os pais dela (nossos avós) travaram uma enorme batalha judicial com o meu pai. Passados seis advogados, duas sessões de pugilato e um ataque quase fatal com uma espátula (não façam perguntas), eles ficaram com o direito de a Sadie viver com eles em Inglaterra. Ela só tinha seis anos nessa altura, dois anos menos do que eu, e eles não podiam ficar com os dois — ou, pelo menos, foi essa a desculpa que deram para não ficarem comigo. Por isso, a Sadie foi educada como qualquer estudante britânica, enquanto eu passei a viajar por todo o mundo com o meu pai. Só víamos a minha irmã duas vezes por ano, o que não constituía um problema para mim.

[Cala a boca, Sadie. Sim — já lá chego.]

Por isso, pronto, o meu pai e eu tínhamos acabado de aterrar em Heathrow, depois de um ou dois adiamentos. Era uma tarde fria e chuvosa. O meu pai pareceu-me meio nervoso ao longo de toda a viagem de táxi para a cidade.

Convém aqui dizer que o meu pai é um matulão. Ninguém diria que alguma coisa o faria ficar nervoso. Tem pele castanho-escura como eu, olhos castanhos penetrantes, careca e pera, que lhe dão um ar de cientista malévolo. Nessa tarde, vestia o seu sobretudo de caxemira e o seu melhor fato castanho, o que usava nas palestras que dava. Em geral, transmite tamanha confiança que domina instantaneamente qualquer sala em que entre. Por vezes, porém — como foi o caso nessa tarde —, eu via um outro lado dele que não conseguia entender exatamente. Estava sempre a olhar por cima do ombro, como se estivéssemos a ser perseguidos.

— Pai? — disse eu, enquanto desembarcávamos do A-40. — O que se passa?

— Nem sinal deles — murmurou entredentes. Apercebeu-se de imediato de que falara alto, porque me olhou com um ar meio espantado. — Não é nada, Carter. Está tudo bem.

Fiquei preocupado, porque o meu pai é péssimo a mentir. Eu percebia sempre quando ele me ocultava alguma coisa, mas sabia também que, por mais que o atazanasse, nunca lhe arrancaria a verdade dos lábios. Estava, provavelmente, a proteger-me, embora eu não soubesse de quê. Por vezes, punha-me a pensar se haveria algum segredo no seu passado, se algum velho inimigo o perseguiria; a ideia, porém, parecia-me ridícula. O meu pai era apenas um arqueólogo.

A outra coisa que me preocupou foi que ele não largava o saco de ferramentas. Em geral, quando o faz, é sinal de que corremos perigo. Como daquela vez em que uns tipos armados tomaram de assalto o nosso hotel no Cairo. Ouvi disparos vindos do átrio e corri lá para baixo à procura do meu pai. Quando lá cheguei, ele estava a puxar calmamente o fecho-éclair do saco de trabalho, enquanto três pistoleiros desmaiados pendiam do candelabro pelos pés, com as túnicas caídas por cima das cabeças, de modo que se lhes via os *boxers*. Ele disse que não tinha visto nada, e a polícia acabou por culpar um qualquer defeito do candelabro.

Noutra ocasião, fomos apanhados no meio de um tumulto em Paris. O meu pai procurou o carro estacionado mais próximo, empurrou-me para o banco de trás, e mandou-me permanecer aí agachado. Eu colei-me ao chão, de olhos bem fechados. Ouvi então o meu pai a remexer o saco de ferramentas, que estava no banco da frente, e a murmurar qualquer coisa para si próprio enquanto a turba berrava e destruía tudo lá fora. Poucos minutos depois, disse-me que já era seguro levantar-me. Carro sim, carro não fora virado de rodas para o ar e incendiado. Mas o nosso fora lavado e polido, ficando várias notas de 20 euros entaladas no limpa-para-brisas.

Tudo isto para dizer que eu aprendi a respeitar o saco do meu pai. Era o nosso amuleto da sorte. Mas, quando ele o conservava junto de si, eu sabia que íamos precisar de ter sorte.

Seguimos de carro até ao centro da cidade, rumo a leste, ao apartamento dos meus avós. Transpusemos os portões dourados



do Palácio de Buckingham e a grande coluna de pedra de Trafalgar Square. Londres é um sítio bem fixe, mas, depois de termos viajado tanto, as cidades começam a parecer-se todas umas com as outras. Outros miúdos que conheço, de vez em quando, dizem-me: «Uau, que sorte que tu tens por viajares tanto!». Só que nós não passamos propriamente o tempo a apreciar as vistas, nem temos dinheiro para viajar em grande estilo. Já ficámos nalguns sítios tramados, e raramente permanecemos mais do que alguns dias em cada sítio. Na maior parte do tempo, mais parecemos fugitivos que turistas.

A questão é que ninguém diria que o trabalho do meu pai é perigoso. Ele profere palestras sobre temas como «A Magia Egípcia Pode Realmente Matar-Nos?», «Punições Favoritas no Sub-mundo Egípcio», e outros que não interessariam à maior parte das pessoas. Mas é como eu disse: ele tem um outro lado. É sempre muito cauteloso e inspeciona todos os quartos de hotel antes de me deixar entrar. Entra a toda a pressa num museu para ver uns artefactos quaisquer, toma umas notas e volta a sair disparado como se temesse ser apanhado nas câmaras de vigilância.

Um dia, era eu mais novo, corremos pelo Aeroporto Charles de Gaulle fora para apanhar um voo mesmo no último instante, e o meu pai só relaxou depois de descolarmos. Perguntei-lhe, olhos nos olhos, de que é que estava a fugir, e ele olhou-me como se eu tivesse acabado de arrancar a cavilha de uma granada. Por momentos, tive medo de que ele pudesse contar-me realmente a verdade. Mas disse-me: «Carter, não é nada». Como se «nada» fosse a coisa mais terrível do mundo.

Depois desse episódio, decidi que, se calhar, era melhor não lhe fazer mais perguntas.

Os meus avós, os Fausts, vivem numa urbanização próxima de Canary Wharf, mesmo à beira do Tamisa. O táxi deixou-nos no passeio, e o meu pai pediu ao taxista que esperasse.

Estávamos a meio do caminho quando o meu pai estacou. Voltou-se e olhou para trás de nós.

— O que foi? — perguntei eu.

Foi então que vi o homem de gabardina. Estava do outro lado da rua, encostado a uma grande árvore seca. Tinha um corpo em forma de barril, e pele da cor de café torrado. A gabardina e o fato às riscas pareciam caros. Tinha cabelo comprido entrançado e, na cabeça, um chapéu de aba preto inclinado para a frente, sobre uns óculos escuros redondos. Fez-me lembrar um músico de *jazz*, do tipo dos que o meu pai me arrastava para ouvir em concertos. Apesar de não conseguir ver-lhe os olhos, fiquei com a impressão de que nos observava. Podia ser um velho amigo ou colega do meu pai. Para onde quer que fôssemos, ele deparava sempre com conhecidos. Mas pareceu estranho o tipo estar à espera precisamente ali, do lado de fora da casa dos meus avós. Ainda por cima, não tinha um ar satisfeito.

— Carter — disse-me o meu pai —, vai andando.

— Mas...

— Vai buscar a tua irmã. Encontramo-nos no táxi.

Atravessou a rua, na direção do homem de gabardina, o que me deixou duas escolhas: segui-lo e ver o que se passava, ou obedecer-lhe.

Optei pela hipótese ligeiramente menos perigosa: fui buscar a minha irmã.

Antes sequer de conseguir bater, a Sadie abriu a porta.

— Atrasado, como de costume — disse ela.

Trazia ao colo a sua gata, Muffin, um presente «de despedida» do nosso pai, seis anos antes. A Muffin parecia nunca ficar mais velha, nem maior. Tinha uma pelagem indistintamente amarela e negra, como um leopardo em miniatura, olhos amarelos sempre alerta, e orelhas pontiagudas demasiado altas para a cabeça que tinha.

Da coleira pendia um pingente egípcio em prata. Não parecia de todo um *muffin*, mas a Sadie era pequenita quando lhe dera o nome, pelo que merece um desconto.

A minha irmã não tinha mudado muito desde o verão anterior.

[No momento em que estou a gravar isto, ela está mesmo aqui ao meu lado, a olhar para mim, e por isso é melhor ter cuidado com o modo como a descrevo.]

Ninguém adivinharia que ela era minha irmã se não soubesse. Para começar, vivia há tanto tempo em Inglaterra que já tinha sotaque inglês. Em segundo lugar, sai à nossa mãe, que era branca, e portanto a pele dela é muito mais clara do que a minha. Tem cabelo liso cor de caramelo, não exatamente louro mas também não castanho, que costuma pintar com madeixas de cores berrantes. Nesse dia tinha riscas vermelhas do lado esquerdo. Os olhos dela são azuis. Estou a falar a sério: olhos *azuis*, exatamente como os da nossa mãe. Só tem 12 anos, mas tem exatamente a minha altura, o que é verdadeiramente irritante. Estava a mascar pastilha elástica, como habitualmente, tendo vestido, para o seu dia com o pai, calças de ganga surradas, blusão de cabedal e botas da tropa, como se fosse para um concerto e estivesse à espera de pisar alguém. Tinha os fones pendurados à volta do pescoço, para o caso de a nossa presença a aborrecer.

[Pronto, não me bateu; parece que não a descrevi mal de todo.]

— O nosso avião atrasou-se — disse-lhe eu.

Rebentou um balão de pastilha, afagou a cabeça da Muffin e atirou a gata para dentro de casa.

— Avó, vou sair!

Algures de dentro da casa, a avó Faust disse qualquer coisa que não consegui perceber, provavelmente «Não os deixes entrar!».

A Sadie fechou a porta e olhou-me como se eu fosse um rato morto que a gata dela tivesse arrastado para ali.

— E, então, cá estás tu de novo — disse.

— Pois.

— Vá lá, então — suspirou. — Vamos a isso.

Era assim que ela era. Nada de «Olá, como é que foram os teus últimos seis meses? Fico contente por te ver!», nem nada parecido. Mas, por mim, tudo bem. Quando nos vemos apenas duas vezes por ano, parecemos mais primos afastados do que irmãos. Não tínhamos absolutamente nada em comum para além dos nossos pais.

Arrastámos os pés pelos degraus abaixo. Pensava para comigo que ela cheirava a uma combinação de casa velha com pastilha elástica quando ela parou tão abruptamente que esbarrei nela.

— Quem é aquele ali? — perguntou.

Quase me esquecera do sujeito da gabardina. Ele e o meu pai estavam do outro lado da rua, junto à árvore grande, e pareciam discutir acaloradamente. O meu pai estava de costas para mim, pelo que não lhe pude ver a cara, mas reparei que gesticulava com as mãos como quando estava agitado. O outro tinha uma expressão carrancuda e abanava a cabeça.

— Não sei — disse eu. — Já ali estava quando estacionámos.

— Acho que o conheço. — Franziu o sobrolho como se tentasse lembrar-se. — Anda lá.

— O pai disse para esperarmos no táxi — respondi, mesmo sabendo que de nada serviria.

A Sadie já estava em movimento. Em vez de atravessar a rua a direito, correu pelo passeio durante meio quarteirão, agachando-se atrás dos carros, passou em seguida para o outro lado da rua e escondeu-se atrás de um muro baixo de pedra. Começou a aproximar-se furtivamente do nosso pai. Não tive grande alternativa senão seguir-lhe o exemplo, apesar de sentir que estava a fazer figura de parvo.

— Seis anos em Inglaterra — murmurei para comigo — e já pensa que é o James Bond.

Ela deu-me uma palmada sem sequer olhar para trás.

Dois ou três passos depois estávamos já mesmo atrás da grande árvore morta. E consegui ouvir o meu pai do outro lado a dizer:

— ... tem de ser, Amós. Sabes que é o que tem de ser feito.

— Não — retorquiu o outro, que se chamaria, portanto, Amós. A sua voz tinha um tom profundo e uniforme, além de muito insistente. O sotaque era americano. — Se eu não te impedir, Julius, vão *eles* impedir. O Per Ankh anda a seguir-te os passos.

A Sadie voltou-se para mim e balbuciou as palavras:

— Per... *quê?*

Abanei a cabeça, igualmente confuso.

— Vamos sair daqui — sussurrei, calculando que seríamos detetados a qualquer momento e íamos meter-nos em sarilhos.

A Sadie, é claro, ignorou-me.

— Eles não conhecem o meu plano — dizia o meu pai. — Quando conseguirem percebê-lo...

— E os miúdos? — perguntou Amós. Os pelos da nuca eriçaram-se-me. — O que vais fazer com eles?

— Já arranjei maneira de ficarem protegidos — respondeu o meu pai. — Além do mais, se eu não fizer isto, ficaremos todos em perigo. Agora, desaparece.

— Não posso, Julius.

— Nesse caso, é um duelo que tu queres? — O tom de voz do meu pai tornou-se muito grave. — Nunca me vencerias, Amós.

Não via o meu pai passar à violência desde o Incidente da Grande Espátula, e não me apetecia assistir a uma repetição *disso*, mas os dois pareciam estar à beira de se confrontar.

Antes de eu conseguir reagir, a Sadie levantou-se subitamente e gritou:

— Pai!

Ele pareceu surpreendido quando ela o placou e abraçou ao mesmo tempo, mas não tanto como o outro tipo, o tal Amós. Recuou tão depressa que tropeçou na própria gabardina.

Tinha tirado os óculos. Não pude deixar de pensar que a Sadie tinha razão. Fazia-me lembrar de facto alguém conhecido — uma recordação muito distante.

— Tenho... de ir — disse ele.

Endireitou o chapéu e caminhou pesadamente pela estrada fora.

O nosso pai ficou a vê-lo ir-se embora. Colocou um braço protetoramente em cima dos ombros da Sadie, e uma mão dentro do saco que lhe pendia do ombro. Finalmente, quando Amós desapareceu ao virar da esquina, o meu pai relaxou. Tirou a mão do saco e sorriu à Sadie.

— Olá, querida.

A Sadie, porém, afastou-o e cruzou os braços.

— Ah, quer dizer que agora é *querida*, não é? Chegaste atrasado. O dia da visita já quase acabou! E o que era aquilo? Quem é Amós, e o que é o Per Ankh?

O meu pai ficou hirto, e olhou para mim como que a perguntar o que tínhamos ouvido.

— Não era nada — disse, tentando mostrar-se animado. — Planeei um fim de tarde fantástico convosco. Quem é que quer fazer uma visita guiada em privado ao Museu Britânico?

A Sadie afundou-se no banco de trás do táxi, entre mim e o pai.

— Não acredito — resmungou. — Um fim de tarde juntos, e só queres é fazer investigação.

O meu pai ensaiou um sorriso.

— Querida, vai ser divertido. O próprio curador da coleção egípcia convidou...

— Pois, grande surpresa — exclamou a Sadie, soprando do rosto uma madeixa de cabelo vermelho. — Véspera de Natal, e vamos ver umas relíquias bolorentas quaisquer do Egito. Será que alguma vez pensas *noutra* coisa?

O meu pai não se zangou. Nunca se zanga com a Sadie. Ficou simplesmente a olhar pela janela para o céu cada vez mais escuro, e para a chuva.

— Sim — respondeu em tom calmo. — Penso.

Sempre que ele ficava assim calado, a olhar para sítio nenhum, eu sabia que estava a pensar na nossa mãe. Nos últimos meses, acontecia com frequência. Por exemplo, eu entrava no nosso quarto de hotel e dava com ele de telemóvel nas mãos, com o retrato da minha mãe a sorrir-lhe no ecrã, de cabelo apanhado num lenço, e os olhos azuis resplandecentes, tendo como pano de fundo o deserto.

Também podíamos estar num sítio de escavações arqueológicas qualquer. Via o pai de olhar perdido no horizonte, e sabia que estava a recordar como a conhecera — quando eram dois jovens cientistas no Vale dos Reis, numa atividade de escavação à procura de um túmulo perdido. O meu pai era egiptólogo. A minha mãe era uma antropóloga à procura de ADN antigo. Ele contara-me a história milhares de vezes.

O nosso táxi serpenteou pelas ruas junto às margens do Tamisa. Logo a seguir à Ponte de Waterloo, o meu pai pareceu ficar tenso.

— Por favor — disse ao taxista. — Pare aqui um momento.

O taxista encostou o carro junto ao Victoria Embankment.

— O que foi, pai? — perguntei.

Ele saiu do táxi como se não me tivesse ouvido. Quando a Sadie e eu nos juntámos a ele no passeio, ele estava a olhar para a Agulha de Cleópatra.

Se nunca a viram, trata-se de um obelisco, e não propriamente de uma agulha, além de não ter nada a ver com Cleópatra. Suponho que os ingleses simplesmente acharam o nome giro quando o trouxeram para Londres. Tem mais de vinte metros de altura, o que teria sido qualquer coisa de impressionante no Antigo Egito, mas parecia pequeno e triste junto ao Tamisa, com todos aqueles

edifícios altos em volta. Era perfeitamente possível passarmos por ele sem sequer nos apercebermos de que se tratava de algo um milhar de anos mais velho do que a cidade de Londres.

— Meu Deus — protestou a Sadie enquanto caminhava em círculos, exibindo a sua frustração. — Será que temos de parar em *todos* os monumentos?

O meu pai fitou o topo do obelisco.

— Tinha de voltar a vê-lo — murmurou. — Foi onde tudo aconteceu...

Fez-se sentir um vento gelado vindo do rio. Queria voltar para dentro do táxi, mas o meu pai começava a preocupar-me verdadeiramente. Nunca o tinha visto tão alheado.

— Que foi, pai? — perguntei. — O que é que aconteceu aqui?

— Foi o último sítio em que a vi.

A Sadie parou de andar às voltas. Olhou-me com ar carrancudo, algo incerta. Olhou de novo para o nosso pai.

— Espera aí. Estás a falar da mãe?

O pai prendeu-lhe o cabelo atrás da orelha. Surpreendida pelo gesto, nem se lembrou de o contrariar.

Senti-me como se a chuva me tivesse congelado. A morte da minha mãe sempre fora um tema interdito. Sabia que morrera num acidente em Londres. E que os meus avós culpavam o meu pai. Mas nunca ninguém nos contava os pormenores. Já desistira de perguntar ao meu pai, em parte para não o entristecer, e em parte por ele se recusar terminantemente a contar-me fosse o que fosse. «Quando fores mais velho», limitava-se a dizer — a resposta mais frustrante de sempre.

— Estás a dizer que ela morreu aqui? — inquiri eu. — Na Agulha de Cleópatra? O que é que aconteceu?

Ele baixou a cabeça.

— Pai! — protestou a Sadie. — Eu passo aqui *todos* os dias, e tu estás a querer dizer... este tempo todo... e eu nem sequer *sabia*?



— Ainda tens a tua gata? — perguntou-lhe o pai, e aquela pareceu ser uma pergunta perfeitamente absurda.

— Claro que ainda tenho a gata! — exclamou ela. — O que é que isso tem a ver?

— E o teu amuleto?

Levou a mão ao pescoço. Quando éramos pequenos, imediatamente antes de ela ir viver com os nossos avós, o nosso pai ofereceu-nos a ambos amuletos egípcios. O meu era um Olho de Hórus, um símbolo protetor muito popular no Antigo Egito.



Na verdade, ele diz que o símbolo moderno do farmacêutico, R, é uma versão simplificada do Olho de Hórus, para significar que a função dos medicamentos é proteger-nos.

Mas enfim — eu usava sempre o meu amuleto debaixo da camisa, e estava convencido de que a Sadie perdera o dela ou o deitara fora.

Para minha grande surpresa, ela assentiu com a cabeça.

— Claro que o tenho, pai, mas não mudes de assunto. A avó está sempre a dizer que tu provocaste a morte da mãe. Isso não é verdade, pois não?

Ficámos à espera. Por uma vez na vida, eu e a Sadie queríamos exatamente a mesma coisa: a verdade.

— Na noite em que a vossa mãe morreu — começou o meu pai —, aqui na Agulha...

Um súbito clarão iluminou o cais. Voltei-me, meio cego, e por um breve momento vislumbrei duas figuras: um homem pálido e alto, de barba bifurcada e roupa em tons de bege, e uma rapariga de pele acobreada de trajes azul-escuros e lenço na cabeça — o tipo de roupas que eu vira centenas de vezes no Egito. Estavam

ali, de pé, lado a lado, nem a seis metros de nós, a observar-nos. Então, a luz esmoreceu. As duas figuras fundiram-se numa imagem indistinta. Quando os meus olhos se ajustaram de novo ao escuro, tinham desaparecido.

— *Hum...* — disse a Sadie em tom nervoso. — Viram aquilo?

— Entrem para o táxi — disse o meu pai, empurrando-nos para o passeio. — Estamos a ficar sem tempo.

A partir desse momento, o nosso pai fechou-se em copas.

— Isto não é sítio para falar — disse, olhando para trás de nós. Tinha prometido ao taxista 10 libras extra se nos fizesse chegar ao museu em menos de 5 minutos, e o homem parecia estar a dar o seu melhor.

— Pai — ensaiei eu —, aquelas pessoas no rio...

— E o outro tipo, Amós — acrescentou a Sadie. — São polícias egípcios, ou assim?

— Escutem ambos — disse o meu pai. — Vou precisar da vossa ajuda esta noite. Eu sei que não é fácil, mas têm de ter paciência. Prometo que explico tudo assim que chegarmos ao museu. Eu vou retificar tudo.

— Como assim? — insistiu a Sadie. — Retificar *o quê?*

A expressão do meu pai estava mais do que triste. Parecia quase culpado. Com um arrepio na espinha, pensei no que a Sadie dissera: os nossos avós culpavam-no pela morte da nossa mãe. Não *podia* ser a isso que ele se referia. Ou podia?

O taxista descreveu uma curva apertada para a Great Russell Street e travou a fundo, fazendo chiar os pneus, diante dos portões principais do museu.

— Venham atrás de mim — instruiu-nos o pai. — Quando encontrarmos o curador, ajam normalmente.

Estava a pensar para comigo que a Sadie nunca agia *normalmente*, mas achei melhor calar-me.

Sáímos do táxi. Descarreguei a bagagem enquanto o meu pai pagava ao taxista com um grosso maço de notas. Foi então que fez

algo estranho: atirou uma mão-cheia de pequenos objetos para o banco de trás (pareciam pedras, mas estava demasiado escuro para eu poder ter a certeza).

— Continue a guiar — disse ele ao taxista. — Leve-nos a Chelsea.

A instrução dada pelo meu pai não fazia o menor sentido, porque já estávamos fora do táxi, mas o taxista arrancou a grande velocidade. Olhei para o meu pai, depois de novo para o táxi e, antes de ele virar a esquina e desaparecer no escuro, tive um estranho vislumbre de três passageiros no banco de trás: um homem e dois miúdos.

Pisquei os olhos. Era impossível o táxi ter apanhado outro serviço tão depressa.

— Pai...

— Os táxis de Londres não ficam vazios por muito tempo — observou ele, como se nada de estranho tivesse ocorrido. — Vamos lá, meninos.

Avançou decididamente por entre os portões de ferro forjado. Por breves segundos, a Sadie e eu hesitámos.

— Carter, *o que se passa?* — perguntou ela.

Abanei a cabeça.

— Não tenho a certeza de querer saber.

— Pois bem, tu, se quiseres, fica aí ao frio, mas eu não saio daqui sem uma explicação.

Voltou-se e seguiu o nosso pai a passos largos.

Olhando agora para trás, eu devia ter corrido. Devia ter arrastado a Sadie para fora dali, para o mais longe possível. Em vez disso, porém, segui-a, transpondo os portões.



# QUEM DISSE QUE OS FARAÓS E OS DEUSES EGÍPCIOS PERTENCEM AO PASSADO?



Desde a morte da mãe, Carter e Sadie tornaram-se quase estranhos. Enquanto Sadie viveu com os avós em Londres, o seu irmão viajou pelo mundo com o pai, o brilhante egiptólogo Dr. Julius Kane.

Uma noite, o Dr. Kane decide reunir os irmãos e pôr em prática um plano secreto no Museu Britânico. A experiência corre tão mal que uma explosão faz rebentar a Pedra de Roseta e liberta Set, o terrível deus egípcio do caos.

Com o pai votado ao esquecimento, Carter e Sadie Kane são forçados a fugir para salvar as suas vidas e embarcam numa perigosa aventura pelo mundo – uma busca que os aproxima cada vez mais da verdade sobre a sua família e dos seus vínculos ao tempo dos faraós.

## CONSEGUIRÃO OS IRMÃOS KANE ENFRENTAR AS FORÇAS MÍTICAS DO ANTIGO EGITO E SALVAR O MUNDO DA DESTRUIÇÃO?

«Esta é uma aventura em ritmo acelerado, sem um único momento de tédio. O autor fez um trabalho brilhante ao reunir factos sobre o Antigo Egito e combiná-los numa história maravilhosamente emocionante.»

*The Guardian*





«Uma lição de História da Antiguidade que se desenrola de forma absolutamente perfeita numa aventura estrondosa.»

*Publishers Weekly*

O PRIMEIRO LIVRO DE  
AS CRÓNICAS DOS  
**KANE**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinkidspt  
 penguinlivros

ISBN 9789897848230



9 789897 848230 >